

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Pesquisa realizada pela Secretaria de Educação com 11 mil alunos e docentes revela clima de grande insegurança. Governo prepara plano de ação para afastar criminalidade do ambiente de ensino público

Medo na sala de aula

ERKA KLINGL E
DIEGO AMORIM
DA EQUIPE DO CORREIO

Um olhar pode levar à morte. A frase, escrita em uma carta por um jovem estudante da capital do país, resume o clima de insegurança e violência que permeia as salas de aula das mais de 600 escolas públicas da rede do Distrito Federal. Revólveres, facas, bebida, drogas, incompreensão e medo. Muito medo. E não é para menos. Milhares de alunos admitem que já usaram ou usam drogas. Outros tantos falam, sem constrangimento, do fato de pertencerem a gangues e do uso de armas dentro das instituições de ensino. Por armas, leia-se: punhais, facas, soco inglês, revólver e porrete. Logo para a escola, o ambiente que deveria ser o berço da cidadania da futura geração brasileira virou palco para cenas de terror descritas com frieza ou pânico por meninos e meninas que escolhem estar em um dos lados da guerra.

O número de crianças e jovens submersos na violência faz parte de um amplo diagnóstico feito para entender cenas como as vistas na semana em que um diretor foi ameaçado de morte, um aluno foi esfaqueado, uma criança apanhou. Tudo dentro ou nos arredores dos centros de ensino do DF. Pelo levantamento, é possível ver o tamanho do problema. Foram 5,3% dos estudantes que reconheceram levar armas brancas e 3% carregaram armas de fogo para o lado de cá dos muros dos colégios. Projetado ao universo de alunos da rede pública, os dados

correspondem a 15.444 estudantes entre a 5ª série do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio, em um universo de 186 mil alunos. Quando está em jogo o número de pessoas que já viram armas dentro do perímetro escolar, o número é ainda maior: 37.921 e 58.080 para armas de fogo e armas brancas, respectivamente.

Os números chocaram os gestores da educação da capital, responsáveis pela elaboração da

pesquisa que foi executada pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla). "Os dados são piores do que a gente imaginava. Mas conhecer a realidade é o primeiro passo para enfrentá-la de forma definitiva", afirma o secretário de Educação, José Luiz Valente.

Os pesquisadores ouviram, de junho a setembro deste ano, quase 10 mil alunos e 1,3 mil professores, em 84 escolas. A

metodologia da pesquisa permite que os números sejam expandidos para toda a rede. Os principais dados, quantitativos, foram conseguidos com exclusividade pelo Correio. A análise completa, com as entrevistas e redações, será condensada em livro a ser publicado em 2009.

Status

Com os números em mãos, o Correio percorreu escolas em al-

gumas das 14 regionais de ensino, principalmente aquelas cujos números apontam um agravamento da violência cotidiana, como Santa Maria e Brazlândia. Em todas as abordagens, a reportagem ouviu relatos preocupantes que deixaram clara a banalização da violência. As armas de fogo, por exemplo, podem servir para ferir. No entanto, em boa parte das vezes, é uma peça de status para os alunos. Como

foi o caso de um estudante que, no ano passado, virou o astro da turma ao entrar na pequena sala de aula da 7ª série da Escola Classe 412 de Samambaia com um revólver calibre .38 carregado com três balas. E ele conseguiu o que queria: atraiu as meninas, despertou a curiosidade dos meninos, ou seja, criou o maior rebuliço entre a galera.

Todo mundo queria ver de perto o que ele, sentado lá no fundo, escondia por baixo do uniforme. "O cara que tem arma quer mostrar para todo mundo, para dizer que é doidão", comenta um colega, que tenta amenizar a cena: "ele é um cara de boa". Alguém na sala pensou diferente e vazou a notícia para a diretora. Quando a polícia chegou, o revólver estava escondido na caixa d'água do pátio. O garoto acabou expulso do colégio.

O diagnóstico também mostra como as brigas se tornaram uma constante nos colégios e nas cercanias. A cena que a reportagem presenciou no Guará, na última sexta-feira, é exemplo disso. Quando o relógio deu meio-dia e a aula acabou, a garotada do Centro de Ensino Fundamental 4 saiu afoita do pátio. Dois grupos, cada um composto por uns cinco alunos, se encontraram na praça em frente à instituição. Começou o empurra-empurra, sem que ninguém falasse nada. Até que um resolveu dar o primeiro soco. Foi o início da pancadaria que incluiu chutes, tapas, voadoras e agarrões no uniforme. "Todo dia tem isso. É brincadeira", explicou um aluno, observando tudo do outro lado da rua.

Daniel Ferreira/CB/D A Press



FLAGRANTE DE BRIGA ENTRE ALUNOS DO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 4 DO GUARÁ: "TODO DIA TEM ISSO"

educação em risco

A PRESENÇA DE ARMAS

As armas fazem parte da rotina de boa parte de professores e alunos da rede. Nada menos que 37% dos professores entrevistados já viram armas na escola. Veja abaixo.

Tipo	professores	alunos
De fogo	22,4%	20,5%
Branca	37,2%	31,4%

ALUNOS QUE LEVARAM ARMAS PARA A ESCOLA

Sexo	arma de fogo	arma branca
Alunas	1,9%	3,3%
Alunos	4,5%	8,0%
DF	3%	5,3%

SENTINDO NA PELE

Cerca de 25% dos professores e 24% dos alunos já foram ameaçados em todo o DF. Quando a pergunta é sobre o ambiente escolar, os números são ainda maiores. Veja nas tabelas os principais casos de violência e onde estão a maioria dos agressores.

QUE TIPO DE VIOLENCIA JÁ SOFREU?

Tipo	professores	alunos
Ameaças	26,4%	24,1%
Roubos ou furtos	16,5%	27,8%
Agressão física	7,5%	15,5%

QUE TIPO DE VIOLENCIA EXISTE NA SUA ESCOLA

Violência	alunos	professores
Pichação ou depredação	71	74,6
Agressão física	69,7	71,1
Roubos/furtos	69,2	74,2
Ameaças	63,7	65
Ação de gangues	39,3	30,9
Comércio de drogas	23,3	33,3

QUE VIOLENCIA JÁ PRATICOU (PARA ALUNOS)?

Regional	roubos/furtos	ameaças	agressão física
Brazlândia	4,7	10,2	14,9
Ceilândia	6,5	9,4	13,9
Gama	5,8	11,5	14,5
Guará	5,1	8,7	44
N. Bandeirante	6,1	10,5	17,2
Paranoá	4,2	7,3	9,5
Planaltina	4,4	7,1	10,2
Plano Piloto/Cruzeiro	2,7	8,8	15,3
Recanto das Emas	3,8	7,0	17,8
Samambaia	5,3	8,3	14,6
Santa Maria	4,7	12,5	18,4
São Sebastião	5,6	8,3	9,9
Sobradinho	5,7	10,2	14,9
Taguatinga	4,4	8,8	15,1
Distrito Federal	4,9	9,2	16,4

Fonte: Secretaria de Educação